

TEIXEIRA DE PASCOAES

LONDRES



LISBOA  
MCMXXV

L.  

---

41643<sup>3</sup>





LONDRES

L.  
H1643<sup>3</sup>

D. MANUEL DE CASTRO E GUILHERME DE FARIA  
EDITORES

TEIXEIRA DE PASCOAES

LONDRES



LISBOA  
MCMXXV

Q. 153977

L.  

---

41643<sup>3</sup>



A

AUBREY BELL



## LONDRES

CIDADE fabulosa, imensa Babilonia,  
Londres! com mais judeus que as terras da Judeia;  
Mais polacos talvez que os campos da Polónia,  
Mais sombras que Herculano e Tébás e Pompeia...

Mais segredos que, ao sol, a Esfinge no deserto;  
Mais neve do que um cêrro altivo de montanha;  
Mais bruma que a manhã futura do Encoberto,  
Mais lendas que, ao luar, os bosques da Bretanha...

Mais nautas que a Fenícia e audazes mercadores;  
Mais bruxas do que Endor, mais múmias do que o Egito...  
Imensa exposição de sonhos e de dôres;  
Fantástica cidade à sombra do Infinito!

Cidade que o nevoeiro embriaga e espectraliza.  
Tôrres e chaminés, no ar, desconjuntadas.  
O' palácios de sonho, ó pontes do Tamisa,  
Formas que o vento esculpe em névoas desvairadas.

Imagem do tumulto em cinza e pedra erguida,  
Na noite embriagada e rubra, toda acêsa  
De desejos sem nome... e, ao longe, escurecida,  
Tendo no rôsto negro uns olhos de tristeza.

O' gélida atmosfera em tons incandescentes,  
Chorando o seu silêncio escuro e primitivo...  
Negros céus boreais brumosos e gementes,  
Sombras gritando luz, nuvens em sangue vivo.

Vozes sôltas, canções, ruídos, movimentos!  
Como sofres, ó noite, e em sonhos maus te perdes!  
Visagens palpitando, aspirações, tormentos,  
Electricos fugindo entre faíscas verdes.

Vitrines, onde a luz multicolor se exalta,  
Com as gôtas de chuva em danças de loucura;  
Doida iluminação que as trevas sobressalta  
E rèclames de fogo a rir na névoa escura.

Ruidosa escuridão nocturna... Pesadêlo  
Que se esvai, quando a aurora, inerte e arrefecida,  
Sôbre casas sem fim entorna o seu cabelo  
Grisalho, de velhinha e virgem consumida.

Na bruma, vejo erguer-se histórica, espectral,  
A *Tower* que um terror lendário em nós derrama...  
E na explanada, à chuva e ao vento glacial,  
Córvos do rei Artur, pingando *spleen* e lama.

O' docas junto ao rio em ondas amarelas ;  
Guindastes a gemer, homens a trabalhar.  
Paquetes fumegando, hiates de brancas velas ;  
Uns atracam ao cais, vão outros para o mar.

*Mistress French* falando às *Miss* feministas.  
*Trafalgar* é um jardim de rosas que são almas.  
Vêde em róstos de neve auroras imprevistas,  
E em revoadas de som há frenesis de palmas !

*Westminster* que sobe em fléxas para os céus,  
Meus olhos, por acaso, extáticos, alcançam.  
Grande templo desnudo, onde é invisível Deus,  
E onde junto a um altar ha Poetas que descansam.

*Hide Park*, jardim com águas estagnadas,  
Velhas árvores de luto, em lágrimas, absortas...  
Campinas de verdura em cinzas esfumadas,  
Onde o vento ao passar semeia fôlhas mortas.

O vento que ao passar nas árvores suspira,  
E parece levar, nas mãos, desfeita em chôro,  
O' Schelley da tristeza, a tua eterna lira  
Que tem ao dar-lhe o sol líquidas cordas de ouro!

Grandes arvores gemendo em parques lacrimosos;  
Casas marmorizando a fluida e etérea bruma.  
Transeúntes que têm perfis misteriosos...  
Este fala, sorrindo; aquele scisma e fuma.

Andam sonhos na névoa, angústias, nem eu sei!  
A imensa procissão de gente não tem fim!  
O' vultos de esplendor que nunca mais verei,  
E ficastes vivendo, em alma, dentro em mim...

E via-me perdido e anónimo estrangeiro,  
Naquela multidão fantástica de gente,  
A que só me prendia acaso, vagamente,  
Idêntica impressão de frio e nevoeiro...

Pois entre a minha alma e a dêles, que distância !  
Nunca em vida senti mais trágico abandono !  
A não ser nesse dia antigo (era no outono)  
Em que me faleceu nos braços minha infância !

Anjinho que repousa em mim, porque eu não sou  
Mais que um túmulo exposto às grandes tempestades.  
É feito o nosso sêr de tudo o que passou ;  
Somos sombras a errar de mortas Divindades.

Sei que sou neste mundo a lápide funérea,  
Com estranho epitáfio em letras misteriosas,  
E a cinza que uma Flama anímica e sidérea,  
Ao consumir-se, vai deixando sôbre as cousas.

Tudo é saudade. . . E aqui, debaixo dêste Azul  
Que a tristeza em feições chimericas dilata,  
Evoco dolorido o meu País do sul,  
Lá, onde é oiro o sol que, neste céu, é prata.

E olho em volta, abismado. . . O' Londres da Grandeza !  
E imagino abranger, num quadro nunca visto,  
Essa imensa expansão da potestade inglesa  
Por todo o vasto mundo e todo o mar de Cristo !

O' Povo semi-deus ! A Fôrça e a Formosura !  
Vultos de rosa e lírio, estátuas de elegância !  
Não terá mais perfeita origem, por ventura,  
Este Povo a emanar uma perpétua infância ?

E esta minha saudade oculta em que me abraso,  
Toda se exalta ao ver, de súbito, passar  
Virgem d'olhos azuis que só, por um acaso,  
Projecta no meu rôsto a luz do seu olhar...

*Miss* cheias de graça e pressa, esvoaçando,  
Nos grandes *boulevards*, ao frio da manhã...  
Perfis de flôr corada a névoa iluminando,  
Sob um Azul de cinza e versos de Ossian.

E n'elas me disperso, e vou com 'elas, sim,  
Como que dividido em sonhos e desejos...  
E d'elas qualquer cousa etérea fica em mim,  
Trocamos sem querer misteriosos beijos.

E eis-me todo encantado, em êxtase, sorrindo...  
Que branda aleluia eu vejo amanhecendo...  
È uma rosa de luz as pétalas abrindo  
Na noite em que meu sêr se perde intimamente.



E esqueço-me a sonhar no sentimento dôce  
Que prende a minha vida às almas que eu contemplo.  
Ouço vozes cantando em mim, como se eu fôsse  
Iluminado altar, n'um tenebroso templo...

Formas puras do Amor, alvorecendo além,  
Lá, onde é criadora a humana criatura...  
A ignota comunhão das almas que provêm  
De termos dentro em nós a sombra da Natura.

Medito e sonho absôrto em maguas... Logo acordo.  
É o *brou-há-há* da rua imensa que na bruma  
Tem um relêvo duro, hostil, em desacôrdo,  
Como arestas de fraga em seios de alva espuma.

Vou na onda também fantástica e sem nome,  
Onde Deus, pescador antigo, lança a rêde.  
Vê-se Ugolino dando as mãos á sua fome,  
E Tântalo febril beijando a sua sêde!

Sôbre Londres, *Carlyle* é aspiração divina.  
Manfredo observa a noite, imenso abismo, horror!  
Ofélia paira em luar na sombra matutina  
E Hamlet fala só nas brumas do sol-pôr.

*Nelson*, n'um pedestal tão alto, á luz dos sóis,  
Parece repetir às nuvens e a quem passa :  
O meu corpo queimai quando eu morrer ; depois  
Lançai-lhe a cinza ao mar que é o Deus da minha raça !

Quimérica cidade ! O Londres fabulosa !  
*Streets* de pesadêlo e *squares* espectrais !  
Ó cidade de sonho e trevas, misteriosa,  
Com deuses, com heróis, fantasmas, tôrres, cais !

Com noites d'um luar remoto, àlêm das casas . . .  
Um luar de luar, cinza de cinza fria,  
Sem relêvo marmóreo e vôo de brancas asas,  
Sem contactos de sêda e de melancolia.

E com manhãs de glória em fluídos tons de gaze :  
Imagens glaciais pintadas pela brisa . . .  
E poentes côr de rosa imperceteveis quâse,  
Entre árvores de negro, ao longo do Tamisa.

Fantástica cidade em mil aspectos vários,  
Que da minha emoção, a custo, desenterro.  
Grande Jerusalém no meio de calvários,  
Drama de Shakspeare em pedra, névoa e ferro !

Fantástica cidade, eu te pertença. Adoro  
Tua poesia estranha e sobrenatural.  
Quantas vezes, sofrendo, a sós, contigo choro,  
Quantas vezes, te invoco ao sol de Portugal !

Pois a mesma tristeza em Deus, nos irmanou :  
A elegia, a oração mais íntima da Vida.  
Di-lo a nossa canção por Byron traduzida  
E os sonetos de amor que a Browning deixou.

Somos irmãos na Lenda e na Elegia, ao luar...  
Sonhamos a Ilha de oiro e as terras do Nascente.  
Olhai Sebastião, o rei Artur... E o mar  
Em Byron e Camões ecôa eternamente.

1915





ACABOU DE SE IMPRIMIR  
ESTE LIVRO AOS VINTE  
DIAS DE FEVEREIRO DE MIL  
NOVECENTOS E VINTE E  
CINCO, NA TYPOGRAFIA DA  
EMPRESA DO ANNUARIO  
COMMERCIAL, EM LISBOA .

L  
41643<sup>3</sup>





DEPOSITARIA  
LIVRARIA PORTVGALIA  
Rua do Carmo, 75 - Lisboa